

Poemetos

de Bocage

I

ARENEU E ARGIRA

Estro de Ovídio, seguirei teus voos,
Se não me é dado emparelhar contigo.

Depois que de Tessália o rei piedoso
As pedras converteu na espécie humana,
Quando já pela frágil Natureza
De novo a corrupção lavrado havia,
A moral corrupção que gera os crimes;
Quando para viver cumpria ao homem
Suando exercitar custosa indústria,
Lá perto do Peneu, tão caro às Musas,
Num retiro assombrado de mil plantas
Tinha o rude Areneu seu tosco alvergue.
Apenas cinco lustros numerava,
Era de alta estatura, e de ágil corpo,
De estranha robustez, feições grosseiras,
Olhos ardentes e cabelo escuro.
Febo lhe enegrecera as mãos, e as faces
No fragueiro exercício em que lidava,
Seguindo, e derribando ou ave, ou fera
Com setas, que jamais o objecto erraram.
Extintos os irmãos, os pais extintos,
Na agreste solidão vivia o moço,
Ora subindo as empinadas serras,
Ora os confusos bosques indagando
Enquanto o fulvo Sol nos Céus luzia;
E apenas desdobrava a muda noite
Sobre os ares subtis seu véu lustroso:
Volvia à choça o rústico mancebo.
De sanguíneos despojos carregado.
Só nisto, por efeito do costume,
Embebido trazia o pensamento:
Ignorava as paixões da *Natureza*,
Até desconhecia a mais ardente,
A mais encantadora, a mais funesta.

Mas, ah, tirano Amor! Ou cedo, ou tarde
É forçoso aos mortais sofrer teu jugo;

Amor, tu és um mal que fere a todos;
Longa exp'riência contra ti não vale,
Ou virtude, ou razão, só vaie a morta.
Viste o ledó Areneu no lar campestre,
Viste-o sem ti, cruel, gozai mil frutos
Das suadas, aspérrimas fadigas,
E, isento de memórias importunas,
Moles sonos gastar no leito ervoso.
Súbito, enraivecido, impaciente
De que inda alguém feliz no mundo houvesse,
Olhaste de través o alegre moço;
Mates dignos de ti depois lhe urdiste.

Em venatórias artes doutrinada,
Anexa ao coro da imortal Diana,
Corria a bola Argira o vale, e o monte.
Nos olhos tinha a cor formosa, e viva
De que se veste o céu na Primavera;
A discrição dos Zéfiro as tranças,
As tranças, por si mesmas enfeitadas
Com lúcidos anéis, com áureas ondas,
Se ao sol se expunham como o Sol brilhavam;
Eram, lácteo jasmim, purpúrea rosa
Tão alvas como vós, o tão coradas
Da loura semideia as brandas faces:
Cândido pejo, virginal sorriso
Nos lábios lhe pousava entro os Amores,
(Amores que inspirava, e não sentia)
Tinha de neve as mãos, de neve as plantas,
E o seio tentador mais belo ainda
Que o da Cípria deidade, e não tocado.
O frio, o vento, o sol jamais ousaram
Crestar-lhe, endurecer-lhe a tez mimosa:
Realçava estes dons a flor da idade,
E ao ver-se aquele assombro, oh Natureza,
Estranho então se achou que o teu sublime,
Engenhoso poder chegasse a tanto!
Descendente de origem mais que humana
(Também não longe do Tessálio rio),
De mil dignos amantes cobiçada,
E às conjugais delicias insensível,
Não quis ir de Himeneu no altar brilhante
Sacros votos firmar coa voz, e a dextra,
ilesa conservando a flor suave
Que, envolta em brandos ais, colheis, Amores.

Com estas perfeições, soro estas graças
Tramou vingança crua o Páfio nume
Ao livre caçador, que, errando um dia
Em ermo bosque de viçosos louros,

Argira viu luzir por entre a rama,
Argira, que das ninfas se perdera,
E que à benigna sombra de um loureiro
Repousava do acérrimo exercício,
Temendo a força de Apolíneo raio,
Que ardia no azulado, etéreo cume:
E tendo a par de si na ervosa terra
Q luzente carcás, vazio, em dano
Das selváticas feras, que avistara.
Morno suor em cristalinas gotas
Pelo virgíneo rosto escorregando
Resplandecente aljôfar parecia;
O cansaço, o calor nas lisas faces
As rosas, e os encantos lhe avivava:
Tal, e menos formosa, a casta Cíntia,
Depois de ter vagado as agras serras
Descansa do arvoredado ao fresco abrigo,
Ou entre o lindo coro, ou solitária.

Destarte ali jazia a virgem bela,
Quando o incauto Areneu, que mal presume
Que mal crê por si mesmo ir enredar-se
No laço com que Amor sagaz o espera
Curioso, amparando-se das plantas,
Vai manso, e manso e por detrás de um tronco
(Sem que e sentisse o perigoso objecto)
Nu perigoso objecto os olhos firma.
Desgraçado! Imprudente! Ah, que fizeste!
Ei-lo aceso, ei-lo atónito, ei-lo absorto,
Ei-lo encantado, e trémulo, e perdido;
Repentino fervor lhe escalda o peito,
Lhe anseia o coração lhe tinge o rosto.

«Que assombro, ali céus! Que divindade é esta!
(Consigo o moço diz) será dos bosques
A deusa pudibunda, irmã de Febo?
No traje, no carcás, e em formosura,
Em gestos o parece... oh réus! oh deuses!
Que encanto! Que beleza! Eu ardo... eu morro.»
Nisto, arrancando um fêrvido suspiro,
Assusta a clara ninfa, que. volvendo
Os olhas de repente ao som queixoso,
Te vê, mísero amante; e, visto apenas,
Solta um ai, lança mão do ebúrneo coldre,
E vai por entre as árvores fugindo,
Mais pronta, mais veloz do que os ligeiros,
Silvestres brutos do ramosas fontes.

Qual ficaste, Areneu, vendo esconder-se
Aos olhos teus o encanto de teus olhos

Longa perturbação prendeu-te as plantas;
Sem cor, seio voz, num êxtase, num pasmo,
Qual devia infundir-te o raro objecto,
O deixaste voar; depois, saindo
De letárgica espanto em que jazias,
Seguiste acelerado a doce causa
Da teu mal, dos teus ais, mas já foi tarde;
Já coa turba gentil se tinha envolto
Das alvas companheiras, e com elas
Voltado ao bosque da Latónia deusa.

Quão saudoso, frenético, anelante
O infeliz amator se acolhe aos lares!
Ali arde, ali geme, ali pranteia,
Ali, sempre em cruel desassossego,
Desvelado, e carpindo, as noites perde.
Apenas as manhãs no céu roxeiam,
Em vez de prosseguir o usado officie
Torna ao sítio funesto onde espreitara
O caro enlevo de seus olhos tristes;
Torna, mas sempre em Vão, não vê nem rasto
Que ao das queridas plantas se assemelhe.

Dias e dias no lugar danoso,
E pelas densas matas circunstantes
Pragueja contra si, delira, e freme;
Até rum fero impulso às vezes tenta
Amolado farpão cravar no peito;
Mas acode a benéfica Esperança,
E com destro pincel na fantasia
Lhe pinta de mil júbilos vindouros
A cena, o quadro, a sedutora imagem:
De feristes ilusões lhe doura a mente,
Finge-o nos braços da risonha moeda,
E assim lhe inova o sofrimento exausto,

Mas nem sempre, Esperança encantadora,
Tens arte, que alucine os desgraçados.
Cansou de se fiar e ansioso amante
Nas vãs consolações, nas vãs promessas
Com que adoçava o ácido veneno
Da teimosa paixão, que o perseguia;
Cansou de se fiar; e, abandonado
Ao agro desengano o peito aflito,
A raiva em languidez se lhe converte,
Sempre encerrado na colmada estância,
A gemer, e a chorar, de dia em dia
O afanoso Areneu se vai finando.

Amor, que do áureo trono, onde promulga

As despóticas leis, vê toda a Terra,
Todos os corações, pôs nele os olhos:
Viu-lhe a consternação, viu-lhe os tormentos,
E piedoso uma vez, e arrependido
Dos danos, que forjara ao moço triste,
Mudou de condição, quis dar-lhe alívio.
Eis, qual ave de Jove, estende as asas,
Eis esvoaça, e parte e chega, e poussa
Ante o tugúrio de Areneu choroso,
Que, à porta reclinado, envolto em ânsias,
Com roucas preces invocava a Morte.

«Esmorecido amante (o deus lhe clama)
Que desesperação, que vil fraqueza
Tomou posse de ti! Que é da ousadia
Com que por entre as selvas, acossando
Cerdosos javalis de agudas presas,
Mil, e mil vezes afrontaste a morte?
Frágil mulher te afraca, e te consterna!
Lia, recobra alento. Eu sou de Vénus
O filho omnipotente, inevitável;
Eu mando em corações, em pensamentos.
Eu sou autor de bens, autor de males,
li se dispus teu moa!, teu bem disponho.
A dura negação que dantes vira
No rude génio teu para seguir-me,
E o desuso em que estou de achar quero prove
Dissabores sem mim, sem mim prazeres,
Me instou a maquinar-te o precipício,
E logo apercebi teu cativo
Nos olhos da melhor de quantas ninfas
A deusa das florestas se votaram;
Mas notando por fim como em teu peito
Pouco a pouco a paixão vai sendo morte,
Quero atalhar-lhe o trágico progresso,
E contigo aplacado, afável, pio,
Secar teus prantos, serenar teus dias,
De lúgubre tristeza anuviados.
Vem, que eu te guio ao ídolo que adoras,
Que rastejaste em vão por esses bosques.
A hora em que te falo, à hora amena
Em que o férvido Sol no mar se apaga,
Num fresco e puro lago é seu costume,
Por efeito da calma, e do cansaço,
Sachar sozinha os delicados membros;
Que, em virginal modéstia requintando,
Nem permite às silvestres companheiras
Olhar-lhe nus os cândidos tesouros,
E só tendo findado e lida agreste,
E dito adeus às mais, demanda o lago.

Aprovo que lhes negue a doce vista
Das altas perfeições de que é cioso;
Só compete essa glória aos meus mimosos,
Sé e ti, meu valido, a ti somente.
Não receies o enfado, a resistência,
O desdém pertinaz da Inculta virgem.
O aferro com que exerce as leis de Cíntia:
São brandas as que dou, cruéis as dela.
Meu fogo, nico poder, teus ais, teus prantos,
A Natureza, os Céus por ti combatem,
Que nem Jove imortal de mim se esquiva.
Reina em muito a Fortuna, Amor em tudo:
Dela os bens, os bens dele extrai a audácia,
O acanhado temor convém que expulses;
Exaure os mimos, a ternura, as preces.
E se os mimos, se as preces, se a ternura
Baldadas forem, não o seja a força.
Obstáculos não há, que Amor consinta.
Todos, todos por mim serão vencidos;
E se um de meus farpões, arremessado
Contra a nossa inimiga insana, e bela,
Não vai ferir-lhe o coração rebelde,
Dispô-lo a teu favor, e amaciá-lo,
E por te não roubar a imensa glória,
O gosto de a render sem que eu te acuda
Com toda a força minha. Eia, não tardes,
Vem, que é próprio o lugar, e Amor te guia.»

Nisto, o facho invisível sacudindo,
E com ele roçando-lhe no peito,
Desusado vigor, ardência estranha
Ao frouxo coração lhe comunica.
Já folga, já se apresta, ufano, e ledos
O cobiçoso amante, e segue o nume,
Quase igualando na carreira o voo.
Por milagre de Amor, que o guia, em breve
Vence a longa distância, avista o lago.

Jaziam na raiz de alpestre serra
As incorruptas águas transparentes.
De que o vasto depósito arenoso
Só tinha pouco fundo ao pé das margens.
Deserto era o lugar, fechado em roda
De mistas, densas árvores, e idóneo
Ao tímido pudor da virgem bela.
Antes de a divisar por entre as plantas
Amor, e o sócio, sem que os Visse Argira,
Havia a casta ninfa retirado
Do lago venturoso as alvas Carnes.
E repostas as ligeiras vestiduras:

Assim do imaculado, amável corpo
A vedada, recôndita beleza
Teus olhos, Areneu, não profanaram!

Coa vista imóvel nas imóveis águas,
A margem citerior do lego ameno
Abstracta reflectia a semideia:
(Era a meditação talvez presságio
Do iminente perigo!) ainda em terra
O formoso carcás lhe reluzia,
Por onde agudas setas apontavam.
Amor, para frustrar-lhe a resistência,
A distração da ninfa aproveitando,
Mais veloz que o relâmpago, e mais leve
Que os Favónios subtis, adeja, furto
Os nocivos farpões no rico estojo
(Tudo é fácil a um deus, não foi sentido),
Torna com ele, oculta-o entre o mato,
E diz com mansa vos, com vos suave
Ao mancebo (que atônito ficara
Da viste encantadora): – «O que desejas
Ali tens, Solta o freio a teus suspiros,
As lições, que te dei, vai pôr em uso.»
Cala-se, e, já coa mente em mais empresas,
Dele se aparta, some-se, voando.
Destes palavras Areneu pungida,
A pressa para a ninfa os passas move.

Ela, ao sentir pisadas, volta os olhos,
E, vendo-o já propínquo, receosa
(Qual se fora de um sátiro assaltada),
À aljava quer lançar as mãos de neve,
Mas da aljava o sinal só vê na areia;
E, em súbito furor arrebatada,
Inda que ao caçador pende dez ombros
Carcás do seu diverso em cor, e em forma,
Se alucina, se abstrai, baldões profere,
De infame roubedor, de vil o acusa.
«Não, não sou roubador (ele a interrompe),
Sou teu armiante, escravo de teus olhos,
Vítima da ternura» – e prosseguindo.
Com vivíssimo ardor lhe expõe. Lhe afirma
As ânsias, as saudades, os delírios,
Os males que sofreu depois que a vira.
Ousa mais: de consorte a mão lhe pede.
Da austera irmã de Febo as leis condena;
Jura que a lei de Amar sé é ligada.
Sé conforme à Razão, e à Natureza;
Blasona, ostente de afouteza, e de arte;
Outro Oríon se diz, e por mi! modos

Quer atrair e indómita donzela,
Insta, para apiedar-lhe o génio duro.

Eia, que ouviu suspensa, e como absorta
As ternas expressões do audaz amante,
Sé, e não tendo ali com que puni-lo
(Já suspeitosa de amoroso insulto),
Em fogo os olhos, arrugada a teste,
Com raiva lhe gritou: «Nãu mais, insano!»
E à fuga se dispôs; mas o mancebo,
A que um tal desengano as ânsias dobra,
Quase fora de si, lhe impede o passo,
E, depois que outra voz deu uso aos rogos,
Aos requebros, e aos ais, porém sem fruto,
As ternuras vertendo em ameaços,
Carregado o semblante, a vos pesada:
e Insensível! Feroz! Ó penha! Ó tigre!
Oh bárbara inimiga! (o cego exclama)
Se a Amor não cedas, cederás à raiva.
Anui a meu desejo, a meus extremos,
Ou...» – Convulsa de horror ao som terrível
Destas vezes cruéis, a semideia
Cos vagos olhos todo o sitio corre:
Vê duro lado a lagoa, a serra ingente.
E o frenético amante do outro lado;
Vê que fugir não pode, e neste aperto
(Fitos nos Céus os maviosos lumes),
«Ó leis augustas da imortal Diana!
Santas leis do pudor! Dever sagrado!
A vós me sacrifico.» Assim falando,
Arremessa-se ao lago a malfadada
Coa pressa com que o raio a nuvem rompe.
Ao vê-la baquear, sumir nas águas
Súbito acode o moço arrebatado.
O brunido carcás, e o arco arroja;
Lança-se após a ninfa, e mergulhando
(Que as ondas qual delfim cortar sabia).
Depois de estar oculto alguns momentos,
O lindo corpo amado extrai sem alma.
Eis, com ele nos braços sobre a areia,
A desesperação, e à dor se entrega:
Vê-se autor de tragédia lastimosa,
Sem lume os olhos vê. que lhe eram vida
Vê na face macia, e puro seio
Formosa a palidez, formosa a morte;
Chora, soluça, aplica os frouxos lábios
A gentil, muda boca, e nele imprime
Beijos... ah! Beijos bem diversos desses
Com que o sôfrego Amor se apraz, se encante;
Até que suportar já não podendo

O peso da misérrima existência,
Num transporte, num ímpeto invencível,
Coa mão convulsa pelo peito enterra
Pontiagudo virote, e cai, e expira
Junto de ninfa, que morrendo abraça.
Foi seu ai derradeiro a Amor voando,
Da catástrofe atroz foi dar-lhe aviso;
E o nume enganador, que aceso andava
Com guerra em que cita glória obter podia,
Mal que ouviu no suspiro o triste anúncio
Desistiu por então da grande emprese,
E ao teatro volveu do caso acerbo.
Lá, no horrendo espectáculo atentando,
Colige dos sinais e circunstâncias
Que de Argira o rigor, e a pertinácia
Foram causa fatal da morte de ambos.
Dá-se por gravemente injuriado,
A sua onnipotência a si convoca,
Avizinha-se aos dois, e por castigo
Da fera ingratidão, do amargo insulto
Em feia rã loquaz converte a ninfa,
Para que no lugar onde acabara,
Para que, às mesmas horas em que altiva
Ousou baldar-lhe os fins, baldar-lhe os gostos,
Começasse a rogar, porém vãmente
Com voz descompassada aos Céus vingança,
Tendo sempre em memória azeda, e viva,
O seu antigo ser, e o lance infausto.
Já se vai apoucando o níveo corpo.
Despe a cor, perde a forma, e, recebendo
Nova respiração, vozeia, e salta
No lago cristalino. Amor entanto
Pago, ufano de si, de estar vingado.
Com ar piedoso a vista apenas lança
Ao mancebo infeliz, e o deixa e voa:
Tão mesquinha em Amor ó e piedade!

Indo a cruzar e um prado, acaso à dextra
Dirige os olhos, que o luar lhe ajuda,
E descortina sobre a relva amena
A gozar da frescura em ócio brando
Délia formosa coas sequazes ninfas,
Já descontentes de tardar-lhe a sócia.
C'um íntimo despeito as olha, as mede,
E por dar-lhes pesar, por dar-se glória,
Librando-se nas asas cor de fogo,
Narra-lhes em breves, empolados termos,
Qual fora a morte, a punição de Argira,
E nos ares, a rir, desaparece.

De lágrimas se banha o belo coro
Apenas ouve o deplorável caso:
Eis que de Apoio a irmã lhes diz – que a sigam:
E com elas caminha ao fatal sítio,
De vingativo impulso estimulada.
Chega, observe na areia as tristes provas
Da tragédia cruel: olha o virote
No peito de Areneu todo entranhado,
E disto não contente, e ainda irosa
Da acção de Amor, e intrepidez do amante
Coa ninfa mais prezada, e mais pudica
De quantas pelos bosques a acompanham,
Para a desagrar, para vingar-lhe
Tanto a transformação como e virtude
(Reparar não podendo o dano injusto,
Porque as obras de um deus nenhum desmancha)
Portentosas palavras murmurando
Contra o corpo sanguento, o pisa, o muda
Na ave importuna, que prevê desastres,
Difunde agouros, aborrece o dia,
E, quando vem do lóbrego ocidente
A fusca Noite semeando horrores,
Ou nas árvores pousa, ou entre as fragas.
Onde, enquanto arrancais, ó rãs limosas,
Enfadoso clamor, que atroa os ares
(Do que era, e do que amou saudosa ainda),
Até que aponta no horizonte a Aurora
Em voz desconcertada está carpindo
Seu miserando amor, seu negro fado.

II

CALIPO, OU O RIO SADO

(Fragmento)

Não longe do terreno, onde Eritreia
A torreada fronte aos céus erguia,
Eritreia hoje entre ondas, entre areias
Por terrível fenómeno abismada,
Que hoje goza entre nós de Tróia o nome
(Talvez porque seus fados assemelham
Aquela, que cevando a fúria Argiva,
Desengano do orgulho, em cinzas dorme),
Junto aos campos viçosos, ledas praias
Que já Túbal pisou, que logram dele
Fastoso, venerável monumento;
No teu grato recinto, é praia minha,
Primeira fundação da plaga Ibera;
Lá sobre o chão formoso, em que se aprazem
Flora, as Graças, Amor, Favónios, Musas,
Lá no clima feliz, onde esquivando
Minha mente infantil aos moles brincos
Maior que a idade, e sôfrego da Fama,
Ó Febo! Ó nume! Ó pai! Libei teu néctar:
É firme tradição, que em tempo ignoto
Morreu de ingratidões mesquinho amante,
Mimoso fruto ali de antiga planta.
Íman dos corações, Tirseia amável,
Branda cantora do menino Idálio,
Que à bela candidez do metro ameno
O encanto, a melodia, o mimo apures,
Se desprendem teus lábios dentre as rosas
Em áureas fontes as delícias da alma;
Glória das ninfas, dos Amores glória,
Que em doce galardão recebes deles
Sorrisos, beijos, esperanças, flores,
Meiga Tirseia, Tágide sensível,
Que te dignas de Ouvir na margem de ouro
A lira triste, que mo adoça os fados,
As cordas onde soa Amor, e Anália,
Honre o silêncio teu meus sons, meus versos;
Verás o que é contigo afável nume,
Que dureza exerceu, que tirania
C'um ânimo fiel, de prantos digno
Cuja história surgiu piedosa, infausta
Por entre as névoas da remota idade;
Ouve, e suspira; um teu suspiro é prémio,
Vale um suspiro teu da Fama o brado!

Era e maço Calipo ardor suave
De quanta formosura, e quanta graça
Girava os serros, descorria os vales,
As árvores, e as fontes habitava.
Todas (fossem mortais, ou fossem deuses)
Nos olhos do mancebo esmoreciam,
Nos atractivos seus se embelezavam:
Traído em ais o virginal mistério
Dariam as mortais por ele a vida,
Por ele as imortais o ser divino!...

De não menor paixão credor na face
(Açucenas em parte, em parte rosas),
Credor na coração, credor em tudo
Extremos lhe repele o moço esquivo;
Não porque as leis de Amor contrário fosse,
Leis, que o Fado gravou em bronze eterno
(Altas leis, que a teu saio, é Natureza,
Envolta no prazer a essência mudam;
Que geram, que difundem, que abrilhantam
Rainha do Universo, espécie humana,
Tuas mil perfeições, teus mil portentos;
Leis, que à planta dão fruto, à flor perfume,
Sussurro as virações, gorjeio às aves,
Brandura aos tigres, aos leões brandura.)
Mas porque inda não tinha olhado a ninfa,
Que o Céu lhe destinava em vencedora.

Adónis glória, e dor da Cípria deusa,
Tu, que entre os braços seus, e encantos dela
(Tais que até Jove lhe chamara encantos)
Porque mais do que vida ali gostavas
Padeceste depois mais do que morte
No dente infausto do terrível monstro,
Adónis miserando, ah! tu não foste
Mais formoso talvez, nem mais amado,
Que o triste, cujo nome aos tempos furto,
Nome, que irá luzir comigo aos astros,
Ou no Letes comigo irá sumir-se!

.....
.....

III

QUEIXUMES DE AMOR E DA AMIZADE

Ó vós, emanações da divindade.
Prazer, consolação das almas grandes,
Vós, que em suaves, em mimosos laços
Prendeis os corações, e os pensamentos;
Vos, que não sé de aspérrimos costumes
Usais purificar a humanidade,
Que até dos tigres, que na Hircânia rugem,
Das serpes, dos leões, que a Líbia infestam,
Mitigais o voraz, o feroz instinto:
Ó divinos irmãos! Ó par celeste
Ó doce Amor! Ó cândida Amizade!
Vingai-vos de nefandos sacrilégios,
De mil profanações, mil torpes crimes
Mil horrores, que fervem, que negrejam
Sobre vossos altares sacrossantos!
Jove, Jove imortal, senhor do raio,
Porque na rubra dextra o tens em ócio?
Se as fezes, se o pior de quantos vícios
O abrasado, espantoso abismo eterno
Pelos ígneos vulcões arroja à Terra;
Se a vil ingratidão, se a vil perfídia
Sofres em muda paz, e não te acordam
A sonolenta cólera meus brados,
Para que nova espécie de maldade
Reservas teu furor? Se és deus, és justo,
E deves, como tal, vingam teu nome,
As tuas leis vingar, vingam meus males
Nas almas desleais, cruéis, infames
Que o Céu com falso voto assoberbaram.

Pune, é deus, pune o pérfido Mirtilo,
Pune a traidora Ismene, objectos sejam
Da suprema vingança inevitável
Dois infíeis espíritos corruptos.
Em teus sacros altares ainda jazem,
Fumegam ainda as cinzas venerandas
Do imaculado incenso, que a teu nume
Votaram minhas mãos, e as mãos da ingrata:
Inda nas ermas grutas deste bosque
Ressoa a voz dos ecos faladores,
Que em opróbrio da pérfida repetem
Promessas que lhe ouvi, que tu lhe ouviste.
Sim, por teu nome, é deus, sim, por teu nome,
Por teu nome inefável a traidora
(Tintas de pejo as faces, orvalhados

De lágrimas de amor seus olhos meigos,
E absortos para o Céu) jurou ser minha;
Jurou que em deleitoso, em áureo laço,
Em laço que Himeneu tece à Virtude,
Na torrente de cândidos prazeres
Comigo engolfaria o pensamento;
Que para sempre então na sua ideia
Se haviam de sumir, voltar ao nada
O mundo, a Natureza, excepto Elmano.
Não paga de ardentíssimos protestos.
Em doces, em furtivos caracteres
Imprimiu, renovou tão ternos votos.
Eu os conservo, ó Jove! Eles acusam
A maior das traições, a mais infame,
No teu grão tribunal justiça imploram;
Tu debes aterrar com alto exemplo
As almas, que propendem para o crime,
E firmar na inocência os virtuosos;
Pelo estrago dos réus, debes vingar-me:
Quem ofende os mortais os Céus ofende.
A monstros, que sacrílegos profanam
De Amor, e da Amizade as aras santas,
Não bastam, não convêm, não correspondem
Esses males comuns, comuns flagelas
Cem que as brutas paixões sem lei, sem freio,
Ou atentados de remota origem
Fulminas da estelífera morada.
Castigos cria, inventa, e caiam, chovam
Sobre os cruéis artífices perversos
Da desesperação. que me atassalha
Sim, chovam mil, e mil, porém teus golpes
Não sejam tão mortais que matem logo:
Gradua-lhe o veneno, e dobra as forças.
Engrossa o vital fio aos dois ingratos.
Teimosa, penosíssima existência,
Transcendente em tristeza, em amargura
Aos danos da tartárea eternidade,
Lhe arranque da alma horríssonas blasfêmias,
Que avivem teu furor, e os seus efeitos.
Ordena, sumo deus, à torva Morte
Que súbito em mil mortes se converta,
Que manso, e manso os pérfidos consuma:
Séculos gire o Sol, milhões de vezes
Negando-se aos antípodas, aclare
O clima, que dois monstros enxovalham,
E ainda os ache a morrer. Contudo, ó Jove,
Se na cadeia de horrorosos dias
Queres, para afagar-lhe o sofrimento,
Prender-lhe, consentir-lhe algum mais doce,
Algum menos fatal, seja esse dia

Qual este em que as entranhas me devora
Ciúme abrasador, porção do Inferno.
Eia, ao som dos meus ais acode, acede,
Eterna, pavorosa onnipotência...

Mas ah! Que em preces vãs a voz fatigo!
Ó Jove, ensurdeceste! Eu não te rogo
Que da fecunda terra me franqueies
As mádidas entranhas, prenes do ouro;
Não dou meu culto aos ídolos do avaro,
E o louro dos heróis, dos reis o ceptro
Também com fátua luz me não deslumbram:
Não quer elevação quem teme a queda:
O que exijo, o que espero é que exercites
Da justiça o terrível atributo,
Faz o dever dum deus, e estou contente...
Mas, céus! Que sinto em mim! Que surdas vozes
No coração chagado me sussurram!
Eu lhes ouço dizer: – «Perdido amante,
Frenético mortal, para que invocas
O tremendo poder da divindade
Contra o doloso amigo, e Contra a fera
Por quem morres de amor, por quem suspiras?
Sossega, volve em ti. Crês, porventura.
Que para a punição de enormes crimes
Cumpre aos Céus arrojard físicos males
Sobre a fronte odiosa dos culpados?
A morte para os réus não é tormento,
Dos réus a maior pena é o remorso;
O remorso te vingue: assim defere
As preces dos mortais o grande Jove.»

Ó vozes da razão, vozes celestes,
Oráculo divino! Eu vos adoro,
Bem que os ouvides meus, bem que a minha alma,
Afeitos longamente às meigas frases
Do engano, da lisonja. e da ternura,
A salutar dureza vos estranhem.
Basta, já torno a mim, não mais, ó Fúrias,
Não mais, imprecações. Perdoa, ó Jove,
Perdoa a minha dor, e ao meu delírio;
Fui louco, errado andei nas preces minhas:
O crime, sem que as vítimas te implorem,
Por si mesmo justiça está bradando.
Traidor, que em falsas mostras de virtude
Envolveste a baixeza, a tirania.
A cavilosa intriga, a torpe inveja,
Da fraca humanidade os vícios todos,
Negros enxames, que te fervem na alma;
Amigo desleal, que me arrancaste

Do terno coração segredos ternos,
Segredos, que nas trevas do sepulcro
Iriam com meus dias abismar-se,
Se a máscara falas não me iludisse
Da vil simulação, da astúcia feia;
Se a minha alma fiel, ingénua, pura
Pudesse conceber a ideia horrenda
Do teu crime aleivoso, e detestável;
Presumes-te feliz? És desgraçado
Mais que o réu quando em mãos do algoz sanhudo
Já pisa o cadafalso, ou mais que eu mesmo.
Esse infame prazer. que tens comprado
A custa de meus ais, de teus deveres,
Esse infame prazer em breve, é monstro.
Corrompido será pela vileza
Da lisonjeira Ismene, e mais que tudo
Pelas pungentes garras do remorso.
Não te cegues, traidor não te alucines
O mérito não foi, foi a fortuna
Quem chamou para ti de Ismene os olhos,
Quem dum férvido amor me arranca o prémio.
o sôfrego interesse, a mais indigna
De todas as paixões, e a mais teimosa,
Envenenou do Ismene o peito ingrato.
Se aos Fados, como tu, devesse Elmano
Os momentâneos dons, que adora o mundo,
Frenético de inveja, a grenha hirsuta,
Quais as Fúrias do Inferno, arrepelaras,
Vendo-me em almos êxtases de gosto
Suspirando entre os braços da perjura.

Fraudulento, infiel, não és amado,
Não compra corações a vã riqueza,
Cedo, cedo e verás. De longe observo
Cos olhos da perspícua fantasia
A catástrofe atroz dos teus prazeres!
Lá vejo a refalsada, injusta Ismene
Ante as aras de Pluto, os olhos fitos
Com feiticeiro agrado em outro objecto,
Como tu desprezível, tosco, indigno,
Mais pomposo, porém, mais carregado
Dos bens, que às cegas dá Ventura errante.
Lá te vejo cair, vítima triste
Do desdém, da cobiça, e da inconstância.
Então conhecerás meu duro estado,
De zelos infernais então raivando,
Sentirás mais acerbo, e mais agudo
O remorso enterrar-se-te no peito;
Então co peso enorme do teu crime
Esse vil coração todo esmagado,

Saberá que invisível mão suprema
Pune, flagela os maus ou cedo, ou tarde.

Acelera o teu voo, absorve, é Tempo,
Este enfadoso espaço, que divide
O dia em que lamento a minha sorte
Do dia em que meu eia! será vingado.
Ai da, escume, blasfeme, arqueje o monstro,
De minhas aflições fatal princípio
Sobrepuje o seu mal aos mates todos,
Nem um sé dos mortais e atenda, o chore:
Dos crimes cruéis, no ardor na raiva
Se ensaie para os hórridos tormentos
Com que pelo traidor no Averno esperam
As três filhas da Noite, as negras Fúrias.

FRAGMENTOS

I

Antes que o deixe Anália, Elmano a deixa:
Elmano, que aborrece a vil perfídia,
Elmano, que de Anália enganos cria,
Elmano, que foi seu, julgando-a sua.
Vis, barbudos rivais, folgai, que eu cedo,
Eu cedo, e de ceder não me envergonho:
O troféu, que lograis, de vós é digno,
Quanto indigno de mim, do nome eterno
Com que a vós sobranceiro os Céus demando
De verses imortais nas asas de ouro.
Anália vos pertence humana, e frágil;
Anália, que atendeu suspiros vossos,
Anália, que vos deu triunfo abjecto,
Que em fictício desmaio, em vãos tremores
E menos que mulher, e a deusa aspira.
Deusas de Elmano para vós não vivem,
A vossa espécie amei, vós sois de Anália;
Com deusas viverei, vivei com fúrias;
Ficai no mundo vil, folgai na infâmia,
Que eu vou nos astros agregar-me aos numes.

II

Seus corações em flor se embelezavam
Nos brincos da inocência melindrosa,
E Amor, que os espreitava, inda ignorado
Já lhes dispunha o sentimento ao gosto:
Principio das paixões, como és suave!

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
